

# A crise no Oriente Médio e a Estratégia Nacional de Defesa

Heitor Freire de Abreu\*

## Introdução

O conflito entre Israel e o Hamas<sup>1</sup> na Faixa de Gaza, iniciado em 27 de dezembro de 2008, ocupou o noticiário mundial. Tanto Israel quanto o Hamas encontraram dificuldades para chegar a um acordo que cessasse os ataques, apesar do esforço de países como França e Egito nesse sentido. Atualmente, terminadas as ações bélicas, as negociações e as repercussões daqueles dias de conflito ainda continuam, com os avanços e retrocessos que caracterizam a relação entre as partes envolvidas.

À época, Israel, como tem sido recorrente em sua política externa, rejeitou a resolução da ONU que determinou o cessar-fogo. O Hamas adotou a mesma posição. Como pano de fundo, existiam fatores políticos, como as eleições de fevereiro de 2009 em Israel e a luta pelo poder na Palestina entre Hamas e Al-Fatah<sup>2</sup>. Os países vizinhos adotaram posições diferentes, o que tornou o tabuleiro ainda mais complexo: o Irã, que segundo estimativas

atuais, pode ter sua bomba nuclear em dois ou três anos<sup>3</sup>, apoia o Hamas por meio de armas, treinamento e dinheiro; a Síria está formalmente em guerra contra Israel; o Egito<sup>4</sup> reconhece a existência do Estado judeu, assim como a Arábia Saudita<sup>5</sup> e a Jordânia. O Líbano, cuja política é dominada pelo Hezbollah, não reconhece a existência de Israel. Por fim, vivem, extremamente próximas, religiões diferentes, como cristãos, drusos e judeus.

A despeito das poucas informações acerca do conflito, foi possível colher as primeiras lições do campo militar úteis às Forças Armadas brasileiras no momento em que o a Estratégia Nacional de Defesa (END)<sup>6</sup> se torna uma realidade.

Este artigo tem como objetivo expor aspectos militares sobre o conflito ocorrido no Oriente Médio — denominado por Israel como Operação Chumbo Fundido — úteis como reflexão para vencer os novos desafios que a implementação da END certamente trará para as instituições militares nacionais nos próximos anos.

\* O autor é tenente-coronel de Cavalaria do Exército Brasileiro, doutor em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Possui o MBA de Logística Empresarial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), foi observador militar da ONU na Costa do Marfim e atualmente é oficial de Estado-Maior do QG da MINUSTAH (Haiti).

<sup>1</sup> Grupo palestino, fundamentalista islâmico, que não reconhece Israel nem o Al-Fatah como líder da Autoridade Nacional Palestina. Foi criado em 1987. É o partido sunita do Movimento de Resistência Islâmica. Aliou-se aos radicais xiitas do Hezbollah (baseados no Líbano) para aprender técnicas terroristas, incluindo atentados suicidas.

<sup>2</sup> Grupo fundado por Yasser Arafat, que renunciou à luta armada e reconheceu a existência de Israel. Sua base, a Cisjordânia, ao contrário da Faixa de Gaza, é próspera e mantém relações comerciais com a Jordânia e com Israel.

<sup>3</sup> KLINTOWITZ, Jaime. Sob o ódio dos vizinhos. Revista VEJA, São Paulo, ed. 2095, ano 42, n. 2, jan. 2009, p. 53.

<sup>4</sup> O Egito é contrário ao Hamas porque o grupo mantém ligações com a Irmandade Muçulmana, que é oposição naquele país.

<sup>5</sup> Apoia Israel porque tais ações diminuem a influência dos xiitas iranianos no Oriente Médio.

<sup>6</sup> Para maiores informações sobre a END, consultar o site [www.defesa.gov.br](http://www.defesa.gov.br).



*O foco deste estudo foram as ações das IDF (Israel Defense Forces)*<sup>7</sup>, já que possuem a organização e o preparo que as caracterizam como uma força militar regular. Além disso, naquele conflito, realizaram operações militares similares às previstas na doutrina militar brasileira.

## Entendendo o conflito

O conflito na Faixa de Gaza tem suas raízes no século III d. C., quando os judeus foram expulsos de Jerusalém pelos romanos. No século VII d. C., muçulmanos tomaram Jerusalém do Império Bizantino e permitiram, inclusive, o retorno de alguns judeus à cidade. Em 1897, após o congresso sionista, os judeus resolveram retornar para a Terra Santa. Assim, o povo israelense iniciou a ocupação da Palestina, novo nome da região. Todavia, essa área geográfica já estava habitada por meio milhão de árabes, gerando as primeiras discordâncias entre os dois povos.

Embora com um fluxo pequeno de judeus para a região no início do século XX, o número chegou a 600.000 em 1947. Hoje se estima que sejam cinco milhões de judeus e 4,5 milhões de árabes. Naquela oportunidade, viu-se a primeira proposta para solucionar o problema entre árabes e israelenses, quando a ONU sugeriu que a região fosse dividida em dois Estados e Jerusalém se tornasse um “enclave internacional”.

Os árabes não aceitaram a proposta e, em 14 de maio de 1948, Israel proclamou sua independência, sendo atacado pelo Egito, Jordânia,

*Síria e Líbano, que foram derrotados. Em 1956,* seria travada uma guerra no Canal de Suez, vencida por Israel. Outra guerra, conhecida como Guerra dos Seis Dias (1967), seria conduzida contra Israel. Mais uma vez, os judeus venceriam e conquistariam a Cisjordânia, as colinas de Golã e parte de Jerusalém. Com os árabes insatisfeitos com o resultado da guerra anterior, mais um conflito, denominado Yom Kippur (1973), ocorreria com a derrota do Egito e da Síria, finalizando uma fase de grandes embates bélicos.

Em 1987, surgiu a primeira Intifada, que na língua árabe significa “levante”. Seu objetivo foi demonstrar a revolta do povo palestino da região ocupada pelos judeus, já que a ONU havia considerado ilegal<sup>8</sup> a presença de tropas israelenses na área. O resultado foi a morte de palestinos e de judeus em confrontos cuja marca foi o uso de pedras contra tropas israelenses. Em 2000, Ariel Sharon, à época primeiro-ministro de Israel, desencadeou a segunda Intifada ao visitar locais sagrados para os muçulmanos e os judeus. Seu ato foi considerado uma provocação.

Atualmente, Israel ocupa territórios conquistados na Guerra dos Seis Dias, contrariando a Resolução 242. De um lado, existem radicais palestinos que se recusam a reconhecer a existência de Israel, como o Hamas e o Hezbollah. De outro, grupos israelenses, também radicais, que se recusam a devolver as terras conquistadas. Esse cenário, sem dúvida alguma, dificulta qualquer tratado consistente e duradouro. Nesse ponto, entra a Faixa de Gaza, com toda a sua complexidade.

<sup>7</sup> Forças de Defesa de Israel. Compreende, sob um único comando, forças do mar, de terra e do ar. A IDF é diferente da maioria das forças armadas do mundo por sua organização, em que marinha, exército e força aérea possuem um relacionamento extremamente sinérgico, inclusive no campo da ciência e tecnologia, desenvolvendo, dentre outros, o Merkava 4 (carro de combate principal), metralhadoras e rifles de assalto (Uzi, Galil e Tavor). Concomitantemente, desenvolve outros meios de defesa em conjunto com os EUA, como o caça F15I, o sistema de defesa THEL (Tactical High-Energy Laser) e mísseis como o Arrow.

<sup>8</sup> Resolução 242, de 22 de novembro de 1967, da ONU.